

CRESCER SEM VIOLÊNCIA

Um desafio para educadores*

Fruto da pesquisa "Violência, Criança e Comportamento" realizada pela autora no CLAVES "Jorge Careli", trata-se de um estudo sócio-epidemiológico que visa investigar o problema da violência doméstica em escolares e o impacto da violência no comportamento infanto-juvenil.

O estudo abrangeu 2125 escolares de estabelecimentos públicos e particulares do município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa integram o conhecimento nacional e internacional que vem sendo elaborado sobre violência contra crianças e adolescentes e procura transmiti-lo aos educadores que trabalham com crianças das camadas populares.

A publicação é ilustrada por desenhos que revelam o cotidiano das crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica. A proposta fundamental é tentar agregar pesquisadores, educadores, família e a sociedade para refletir e debater o tema violência, permitindo conhecer melhor suas formas de manifestação, adequar a atuação dentro das possibilidades de cada um e, encaminhar os casos para os setores especializados.

A violência familiar é difícil de ser reconhecida e a forma mais identificável é o abuso físico. Este texto procura caracterizar mais detidamente esta forma de abuso.

O abuso psicológico é outro tipo de violência muito difícil de ser detectado e está presente não só na família como também em outros espaços de convívio da criança e do adolescente.

O abuso sexual, o abandono, a negligência, a exploração do trabalho infanto-juvenil são ainda algumas das violências identificadas.

Na avaliação dos alunos das escolas pesquisadas percebe-se a escola também como um espaço de violência, revelado através do pouco diálogo entre professores e alunos. Como consequência, na auto-avaliação os estudantes revelam uma baixa estima e um sentimento de culpa pelo fracasso escolar. Por outro lado, o professor é vítima e também agente dessa engrenagem em que a violência se manifesta e se reproduz.

O texto sugere algumas soluções que podem ser buscadas na própria escola, e destaca o papel dos educadores como central para modificar e melhorar a realidade dos alunos. Nesse sentido, o lugar do diálogo é privilegiado, buscando estabelecer uma comunicação entre a instituição escola, a família, e a sociedade para enfrentar em conjunto a questão da violência.

A identificação dos casos de violência é em primeiro momento que é dado pelas "pistas" que as crianças e adolescentes apontam. Para isso são sugeridas algumas maneiras para se perceber a criança e o adolescente vítimas da violência. A atuação da escola nesses casos passa pela notificação do problema à direção da escola. A direção por sua vez notifica o caso suspeito ou confirmado aos Conselhos Tutelares (órgão municipal), ou então, quando estes não existirem, à Vara da Infância e da Juventude ou mesmo ao Ministério Público. Procurar Centros de Defesa da Criança e do Adolescente, promotores de justiça e mesmo autoridades policiais também pode ser estratégia da escola, principalmente em locais em que não se tem acesso às outras instituições.

Simone Gonçalves de Assis

Fundação Oswaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública / Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde "Jorge Careli"

Rio de Janeiro - 1994

PREVENIR A VIOLÊNCIA

Um desafio para profissionais de Saúde*

A violência tem sido responsável por uma demanda crescente de atendimento nos serviços públicos de saúde, onde a entrada de crianças e adolescentes é tragicamente grande. São vítimas de diferentes tipos de violência direta: do trânsito, brigas e conflitos nas comunidades, assaltos e maus-tratos familiares. Os maus-tratos identificados como fraturas, queimaduras etc, têm levado à morte ou incapacidades e são, também, responsáveis por *stress*, fobias e ainda outras seqüelas. Para os profissionais de saúde esse problema não é novo, pois vivenciam essa dura realidade no dia-a-dia dos ambulatórios, postos ou nas emergências, onde a precariedade de recursos para um melhor atendimento é mais um agravante. No entanto, grande parte dos casos de maus-tratos que chegam aos serviços de saúde não é identificada, e a maior barreira é de ordem médica, expressa pelo medo ou recusa do profissional de se envolver com o que é considerado problema "alheio" e reforçada culturalmente como "um problema de família".

O Estatuto de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (ECA) define legalmente as normas de conduta dos profissionais de saúde, tomando obrigatória a notificação de maus-tratos. Essa definição a priori de normas legais não foi precedida porém de normas técnicas e éticas geradas pelos e para os profissionais de saúde.

É nesse contexto de discussão que se insere este texto, cuja proposta de se conhecer mais profundamente o problema dos maus-tratos é o primeiro passo.

O texto foi elaborado a partir da pesquisa "Prevenir e Proteger: Análise de um Serviço de Atenção à Criança Vítima de Violência Doméstica", realizada pela autora no CLAVES "Jorge Careli". Trata-se de uma análise avaliativa de sete serviços do Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (CRAMI), distribuídos pelo Estado de São Paulo. Foi feita uma amostra aleatória atingindo 1645 crianças e adolescentes atendidos e uma amostra significativa de suas famílias, profissionais e instituições envolvidos no processo. Escrito em linguagem acessível e direta, o texto procura transmitir conceitos, experiências e dados já consolidados nacional e internacionalmente a respeito da violência contra crianças e adolescentes, sua repercussão sobre a saúde e a contribuição dos serviços de atendimento para identificar, notificar, tratar e prevenir maus-tratos.

A identificação dos maus-tratos pode ser procedida através de algumas "pistas" indicadas, e o texto aponta a experiência dos CRAMIs como um parâmetro de atuação para os serviços de saúde pública.

O trabalho sugere, também, o atendimento pré-natal como um momento privilegiado para se realizar a prevenção primária dos maus-tratos. Junto com as orientações usuais do pré-natal pode-se promover discussões sobre a questão da violência sofrida e praticada pelas mães.

Suely Ferreira Deslandes

Fundação Oswaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública/Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde "Jorge Careli"

Rio de Janeiro - RJ

* Os textos são dirigidos às escolas, pediatras, serviços de saúde e outros profissionais de saúde. Os interessados podem solicitá-lo ao: CLAVES "Jorge Careli" - Av. Brasil, 4036 - Sl. 702 - Mangueinhos - CEP 21040-361 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 290-4893 - Fax: (021) 270-1793.